



ANO 16
No. 133
JAN-FEV/2006
F.A.R.J.

LIBERA

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net <http://farj.entodaspertes.org> Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Reuniões do CELIP todas as terças, 19h no SINDSPREV-RJ. Rua Joaquim Silva, 98-A - Lapa. Auditório do 3º. andar.
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 17h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

CORRUPÇÃO: NORMALIDADE DA REPRESSÃO

A “sociedade civil organizada” carioca é um bicho estranho e confuso, talvez parecido com um *poodle* de madame, já que demonstra agressividade inversamente proporcional à sua capacidade de luta para com os “cachorros grandes”, ou seja para com as verdadeiras mazelas que atingem nossa sociedade. Dentro destes parâmetros, exige que todas as forças sejam direcionadas à segurança pública, ou seja, contra o tráfico de drogas. A droga ilícita (tanto quanto o Lexotan e a Xilocaína) avassala a vida desse bravo animal, que acredita que no seu uso está a razão de sua baixa potência de ataque (ô classe-médiazinha reacionária!) e que, por este motivo, seu consumo deve ser evitado. O Estado ergue seus tentáculos para atender a seus pedidos. A polícia, cão de guarda acionado, aparentemente não mede esforços contra os vorazes criminosos, comerciantes que levam uma vida de cão na tentativa de molestar os *poodles*.

O *poodle* finge não saber (confuso talvez pelo entorpecente consumido, pois não consegue segurar o seu focinho) que parte de seus cães de guarda participa ativamente do comércio e mantém a situação de caos, que apesar do sangue, é bastante lucrativa. O assunto a ser abordado neste texto é, como já foi dito acima, “briga de cachorro grande”, mas é de interesse libertário, pois devemos estar atentos para essas questões.

As chacinas de *Acari* (1990), com dez jovens seqüestrados e mortos; *Vigário Geral* (1993), com 21 vítimas; *Candelária* (1993), com o assassinato de oito moradores de rua na situação (e, de quebra, o assassinato de Sandro, sobrevivente desta chacina, no caso do ônibus 174 em 2002) e mais 39 casos subseqüentes; favela da *Coréia e Rebu* em Bangu (2003), primeira ação policial do governo de Rosinha Garotinho com secretaria de segurança pública chefiada pelo coronel Josias Quintal, que objetivava a captura de quatro traficantes mas findou com 10 mortes; *Baixada Fluminense* (março, 2005), ocorrida nos municípios de Queimados e Nova Iguaçu, que teve 30 vítimas (neste caso, os policiais foram também acusados de fazerem parte de grupos de extermínio da região envolvidos com mais 25 casos de seqüestro e homicídio, sendo um dos policiais o responsável pelo assassinato de mais de sete jovens no bairro de Belford Roxo em 2001); incêndio do ônibus 350 (novembro, 2005), uma resposta à briga particular entre facções da polícia e traficantes do bairro de Braz de Pina (a polícia

neste caso só não foi a executora, mas poderia ter sido); e *Morro do Estado/Niterói* (dezembro, 2005), que terminou com o assassinato de alguns jovens, são mostras desse canino treinado que fareja, ladra e dilacera.

Além disso, uma informação tirada da imprensa aponta que em 1997, foram 300 as vítimas fatais de ações policiais em “doses homeopáticas” (casos isolados, que não configuram chacinas), no Rio de Janeiro; em 1998 passou para 397; em 2001 foram 597 e em 2003, foi para 1.195

o número de casos. As áreas onde residem populações de baixa renda, subúrbios e favelas, concentram o maior número de vítimas das ações policiais criminosas.

Aí alguém poderia reclamar: – Mas os traficantes das favelas e subúrbios também matam muita gente!?!?

Sim, sem dúvida. Todavia, meu caro, aqui o páreo é duro. Neste quesito a polícia é “puro sangue” (as alusões aqui são múltiplas, valendo até a lembrança do nome da facção policial que organizou as chacinas de Acari e Vi-

gário Geral: os “Cavalos Corredores”).

“A minha culpa é a mesma que a das vítimas. Elas foram mortas porque eram pobres e faveladas. Se morassem em condomínio fechado não teriam sido chacinadas. Eu estou sendo acusado por ser policial. A Polícia Militar faz o trabalho sujo do estado. A justiça que o povo pede nas ruas é diferente da justiça dos tribunais”. (palavras de um dos únicos condenados pela chacina de Vigário Geral – entrevista para o jornal *O Dia*, 25/04/1997)

Se estes massacres fossem somente uma questão de execução das ordens vindas de superiores da corporação ou do estado, a situação seria menos complexa. Mas em todos os casos mostrados acima, foram comprovadas as ações de facções corruptas da polícia. Os massacres envolvem sempre disputas políticas e territoriais entre traficantes civis e militares (tal como interpretado pelo documentário *Notícias de uma Guerra Particular*). Ainda sim, como estão atrelados ao comércio de armas e drogas, configuram-se também como disputas por mercado. O capitalismo é onipresente e soberano!

Na parte da polícia que se coloca fora desta disputa, ou reina a falta de inteligência (sendo assim, a permissividade) ou se age de má fé

continua na página 4

**"Lula encontrou seu código de ética
na caverna de Ali Babá".**

Millôr Fernandes

“TUDO O QUE FAÇO É COM DIGNIDADE E CONHECIMENTO”

Entrevista com Maurílio Rodrigues de Araújo, o Birimbau, do CCS-RJ *humanas*

Quem entra no Centro de Cultura Social do Rio não pode deixar de notar diversos objetos feitos com garrafas pet em suas dependências. São bonitas poltronas, carrinhos, vassouras e mais. Colagens também prendem a atenção do visitante. É desta forma que primeiro percebemos a presença de Birimbau. A grafia do nome do instrumento e portanto de seu apelido seria assim mesmo, com i, já que na fabricação do birimbau seria usada a madeira biriba, semelhante àquela que era usada na África, o que viria a derrubar uma série de teorias de historiadores ligados às classes dominantes a partir da própria monarquia, como nosso entrevistado nos explica a partir de pesquisa que realizou a respeito. Ao caminharmos para a Biblioteca Fábio Luz cruzamos com seu local de trabalho e ali o encontramos, sempre com um sorriso e às voltas com sua atividade transformadora, como ele mesmo a define, sozinho ou com seus aprendizes. “Tudo o que faço, diz ele, é com dignidade e conhecimento, pois sei o que estou fazendo”. Aqui um pouco da história deste músico e artesão que possui idéias libertárias e chegou a elas por sua própria vivência e busca sempre desenvolver atividades orgânicas junto a indivíduos e comunidades. (Milton Lopes)

Libera – Birimbau, como é seu nome na certidão de nascimento?

Birimbau – Meu nome é Maurílio Rodrigues de Araújo. Quando fui morar na comunidade em que estou até hoje, o Sana, um distrito da cidade de Macaé, pelas minhas atividades, começaram a me chamar de Birimbau..

Libera – Você nasceu lá?

Birimbau – Bom, minha identidade regional é muito diversificada. Nasci em São Paulo, meus pais são nordestinos, criança ainda fui para Pernambuco e quando me tornei homem aos 18 anos vim para o Rio.

Libera – Já faz tempo, então...

Birimbau – É, tenho muitos anos de Rio de Janeiro. Aqui tenho raízes bem fincadas e me formei política e socialmente. Independente das divergências políticas e sociais do Rio, tentei pegar o melhor que havia aqui para me formar como pessoa. Na Copa de 82 eu já estava aqui, portanto há 24 anos que estou no Rio. Inclusive fiz parte informalmente da organização do PT aqui no Rio. Na época em que a Benedita se candidatou como vereadora no primeiro mandato dela.

Libera – E já te chamavam de Birimbau naquela época?

Birimbau – Não, no Rio, ninguém me conhecia como Birimbau. E no Sana ninguém me conhecia como Maurílio. Sou Birimbau lá e Maurílio aqui. Tenho o maior orgulho de ser chamado de Birimbau, porque este instrumento é algo muito importante para mim.

Libera – E como foi sua chegada no Rio?

Birimbau – Cheguei no Rio deslumbrado com a cidade. Queria morar aqui. Embora não viesse com aquela ilusão que todo nordestino tem e que a Globo passa, vim para morar perto da praia e jogar bola.. No Nordeste viajei jogando em alguns times. Ao vir para o Rio pretendia me profissionalizar. Mas vi que a realidade era outra, que não era tão fácil assim. Comecei jogando futebol de praia, tentei jogar no Vasco primeiramente onde os jogadores ao perceberem minha situação me deram uma atenção especial. Mas depois desisti e fui procurar emprego, para ter um lugar para morar. Arrumei uma vaga para morar no bairro do Flamengo, e fui trabalhar na Sears, onde fiquei por 4 anos. Foi uma experiência legal,

trabalhei na área de vendas, nos setores de sapataria e caça e pesca, cheguei a ser promovido, mas não era o que queria. Mas trabalhei com afinco. Ganhei diploma de prestatividade, de honra ao mérito por bons serviços, mas saí e comecei a fazer um trabalho informal com roupas. Ganhava um bom dinheiro. Já estava até com o pensamento de montar uma boutique, uma confecção.

Libera – E o que aconteceu?

Birimbau – Novo, no Rio de Janeiro, solteiro, com dinheiro, o que vai fazer? Fui boêmio uns 5 anos, vendendo roupa de dia. Esta foi a época em que dei uma vacilada na vida. Não pensei em continuar a estudar. Nisto se passaram os anos. Fui ficando decepcionado com a política, não só a regional como a nacional. Participei do PT porque ele era um partido novo e se dizia do trabalhador e sua mensagem tinha alguma coisa de libertária, sendo bem democrática para a época. Para haver subsídios para a campanha organizavam-se festas. Nestas festas conheci Vladimir Palmeira, que ficou tomando cerveja comigo num barzinho depois de uma festa com outras pessoas e ele falando da prisão dele durante a ditadura na Ilha das Cobras e dizendo que PT pretendia ser um partido transparente, voltado para as classes desfavorecidas e não para as elites. Então todos queriam isto, até os jovens. Minha primeira namorada foi uma advogada sindical e militante do PT. Então fiquei ainda mais ligado. No dia a dia fui me politizando. Tanto que fiquei ligado na Benedita. Como uma política nascida na favela, negra, achei que era por aí que o povo tomaria o poder. E deu no que deu, uma puta decepção, e a maior foi ter votado 4 ou 5 vezes no Lula e depois de ter conseguido elegê-lo, ter a decepção de ver Lula apenas como mais um braço do sistema, mais uma face do neoliberalismo. Mas antes já havia me decepcionado com Benedita, pela aliança que ela fez com o Garotinho. Eu não acredito em alianças para se fazer um trabalho transformador. No início do governo Lula ainda não estava tão decepcionado e fiz uns comentários a que um petista observou: “Ah, mas você é muito xiita. O cara começou agora e você já quer tudo”. E eu disse: “Começou agora, mas começou errado, fazendo aliança com José Sarney”. Mas, diziam, isto é política. Isto é política retrógrada, arcaica e não política transformadora, renovadora, revolucionária Acreditava que Lula pudesse virar a mesa porque é nordestino, da mesma região que meus pais, por ter vindo da classe trabalhadora, sofrido, sabido o que é ter patrão, ser empregado. Então eu o vi fazer aliança com o dono da Sadia, que é um dos homens de Davos. No primeiro Fórum Social, quando Lula ainda não era presidente, ele foi lá e afirmou que “temos que mostrar aqui o que os homens de Davos têm que ouvir”. No ano seguinte, eleito presidente, foi para onde? Para Davos. É mais um homem de Davos.

Libera – E o libertarismo?

Birimbau – Embora nunca fosse filiado ao PT, usava a estrelinha, fazia campanha, mas acredito que mesmo nessa época eu já tinha um pensamento libertário, mas não sabia que o pensamento libertário é totalmente contra a política institucional. E o partido estava ascendendo como um partido institucional, apesar de ser de esquerda e ser taxado pela situação. Eles faziam movimento social, mas só para fins eleitorais. Todos sabem neste longo tempo as podridões que apareceram dentro do PT, que não é em nada diferente dos outros partidos, do PSDB, do PL e daí por diante vice-presidente do PL, do partido liberal, um partido de direita e do patrão.

Libera – Mas, na prática, como se desenvolveu este processo?

Birimbau – Como já tinha idéias libertárias, procurei saber como conseguir viver fora deste sistema. Então, a primeira coisa foi sair do urbano, ir para o mato, para a montanha e viver uma vida alternativa. Aí fui para o Sana e isto já vão 8 anos. Fui porque pensei na música como uma atividade digna e honesta e que poderia favorecer a sociedade, para mudar. Que não era preciso fazer parte do sistema para mudar, você pode mudar de fora, agora é preciso ter inteligência para isto. Fui para a montanha para adquirir inteligência e também para poder viver com o mínimo, para não precisar pagar água, luz, telefone. Fui, morei 5 anos

**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).**

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

em barraca de *camping*, isto já para estudar música por minha conta, isto é o birimbau.

Libera – Você é ou ainda é capoeirista?

Birimbau – O birimbau é muito ligado à capoeira, mas acho que ela já está muito institucionalizada. Não sou capoeirista. Fui capoeirista antes de estudar e tocar birimbau. Naquela época não consegui tocar birimbau pela ditatoriedade dos professores de capoeira. Porque se você tivesse dificuldade de aprender birimbau eles diziam para você aprender outra coisa. Comecei a sair da capoeira porque muitos professores não tinham paciência.

Libera – E como foi sua vida no Sana?

Birimbau – Morei em Visconde de Mauá por 6 meses que é uma região muito parecida com o Sana, serrana, perto de Resende. O pessoal de Mauá falava muito do Sana como melhor que Mauá, que já estava virando grande centro turístico, com a vida alternativa sendo sufocada pelos urbanóides. Ao chegar no Sana percebi sua realidade: uma comunidade pequena em que dá para se viver, alternativamente do que você plantasse. Aí me estabeleci lá e fiquei trabalhando no *camping*, tendo o mínimo necessário, onde fui aprender birimbau.

Libera – E como você se interessou pelo instrumento?

Birimbau – Vi no programa do Jô um músico baiano, que morava em São Paulo que tocava *blues* no birimbau e eu sou fascinado por *blues*, então resolvi

tocar também o instrumento. No dia seguinte fui à Biblioteca Nacional para conseguir informações de como construir um.

Libera – Você também pesquisou a parte histórica?

Birimbau – Certamente. Apurei que os negros africanos devem ter trazido com eles a maneira de se fazer berimbau. Verificaram que no Brasil havia madeira adequada para sua fabricação. No Brasil esta madeira se chamava biriba. Os historiadores da época escreveram muitas inconveniências sobre o berimbau, pois eram bancados pela aristocracia e a monarquia.

Libera – E como foi fazer o primeiro birimbau?

Birimbau – Quando fui para o Sana já tinha berimbau em minha bagagem, já tinha viajado a Pernambuco para fazer o birimbau. Fiquei em Gaibu, que é uma localidade que está para Recife como a região dos lagos para o Rio.. É um lugar de praia, afastado dos grandes centros. Aí também havia uma comunidade alternativa, e havia a biriba. Dividi uma casa com três pessoas. Quando já tinha alguns birimbaus feitos, voltei para o Rio.

Libera – E você passou a vendê-los?

Birimbau - O primeiro birimbau fiz para ser músico, mas por força das circunstâncias tive que vender. Mas nunca pagavam o que eu pedia. Fui ficando desiludido e tinha que vender porque tinha que comer. Comecei a pintar os birimbaus, já que normalmente eles não levavam pintura. As pessoas começaram a gostar da pintura e quando sabiam que ele era sonoro, gostavam. Mas mesmo assim só consegui só consegui vender um birimbau, por um preço bem abaixo do que eu queria. Dali para cá resolvi não vender mais birimbau.. Vindo de Pernambuco para o Rio fui direto para o Sana, porque era minha intenção tocar birimbau com um trabalho diferenciado do ligado à capoeira. Então passei a tocar os gêneros *blues*, *baião* e *mangue beat*.

Libera – Em Pernambuco você tentou algum trabalho em função de suas pesquisas?

Birimbau – Em Olinda já tinha todos os estudos e os apresentei ao Naná Vasconcelos, que gostou muito, inclusive das pinturas. Ele disse que além de pesquisador eu era um artista. Mas nessa época ele morava no exterior. Tive então a idéia de fazer um festival só com música em birimbau. E levei isto para o Naná que gostou e me encaminhou para o Toinho Alves do Quinteto Violado. Eles tinham ou ainda tem em Recife uma

fundação, Cidadania, com um espaço excelente. Ao conversar com Toinho Alves ele me disse que eu precisaria agregar elementos do chamado birimbau de bacia, autenticamente pernambucano, ao meu trabalho para que este fosse viabilizado. Mas por força das circunstâncias isto não foi possível.

Libera – E o que te motivou a, além de pesquisar sobre o berimbau e aprender a fazê-lo, a também tocar?

Birimbau – Alguém a quem apresentei minha pesquisa me perguntou como eu podia pesquisar um instrumento sem saber tocá-lo. Então aprendi durante dois anos, fiz meu repertório com músicas brasileiras, com músicas que achava que tinham informação como as do Chico Buarque, da Legião Urbana, Titãs, Gonzagão, Gonzaguinha, Alceu Valença, Lenine. Aprendi tudo no Sana onde não tinha conotação

nenhuma com capoeira, ficava tocando lá e ninguém entendia nada. Tocava as músicas do Chico Science, que eram novidade no Sana. Perguntavam se eu era capoeirista, eu dizia que não. Perguntavam se eu era contra a capoeira, eu dizia que nem contra nem a favor. Daí começava a dizer que quem me deu condição de fazer birimbau não foi a capoeira. Era uma questão de ir lá e pesquisar. Por isto meu apelido no Sana é Birimbau.

Libera – E depois?

Birimbau – Então conversei com um professor de música que tinha interesse em fazer um trabalho educacional com o

birimbau. Achava que o birimbau ia ser um elemento fundamental para a formação educativa das comunidades carentes. Porque toda criança gosta de birimbau. Então pensei em fazer um projeto de música nas comunidades com o birimbau. Ma o professor me disse que minha idéia era legal, mas que eu teria de adequar o birimbau às crianças, já que este é um instrumento pesado para elas e poderia gerar problemas de coluna. Então parti para o birimbau de lata, que era uma brincadeira para atrair as crianças. Então percebi que a garrafa pet dava uma sonoridade melhor que a lata. Aí comecei a fazer birimbau com garrafa pet e cano de PVC, materiais altamente transformáveis. Depois vim do Sana para o Rio, trabalhei com um grupo de teatro na Fundação Progresso. Fui morar no Morro da Cruz na Tijuca com um grupo de alunos de teatro. Morávamos em uma casa onde cabiam 3 e moravam 18. Um de meus colegas dessa época deu uma definição estupenda sobre o que é ser ator. “Ator, dizia ele, é você saber convencer trocador a te deixar viajar de graça porque você está sem dinheiro para a passagem”. E eu nunca consegui convencer o trocador. Consegui através desse grupo de teatro vir a fazer um trabalho social no Borel. Cheguei à associação de moradores e falei que queria fazer um trabalho musical. Dentro do pensamento libertário que já tinha nessa época declarei que não queria envolvimento com político. Ainda não tinha consciência de autogestão, mas queria fazer um trabalho por minha conta ali. Então me deram um local que tinha sido uma oficina mecânica e estava fechado há dois anos. Transformei o lugar. Como já tinha noção de colagem, então cobri as paredes todas com fotos bem impressionantes. Fotos que passavam informações legais. Nada a favor de violência, de política e o pessoal gostou de ver, ficaram todos admirados. Estavam todos acostumados àquela realidade de guerra, e viram aquilo. Viram também meus birimbaus. Então, perguntavam se ia ter aula de capoeira aí. Eu dizia que ia ter aula de expressão visual, e vai ter aula de música com o birimbau, quem quiser. E quanto paga? Não paga nada é só você trazer uma garrafa pet e um cano que eu faço o birimbau para você. Ou então traz superfícies planas, vidro, madeira, o que for, e a gente faz colagem.

Libera – E como foram as suas atividades ali?

Birimbau - Fiquei um mês neste espaço, não sabia o risco que estava correndo, porque morava no morro de uma facção e trabalhava no



morro de outra. E ia a pé de um para o outro. Ia da Muda até o Borel. Mas ninguém nunca questionou nada. E eu passava com um *case* que era a capa dos berimbaus e as cabaças em uma mochila. Isto poderia ser interpretado como armamento. Hoje acho que não poderia mais andar com este *case*. Também passava pela polícia e ela nunca me parou. As crianças em vez de trazerem uma garrafa traziam 10, 15... Para não sobrar, fui atrás de um manual que me ensinasse a fazer poltronas com garrafas pet. Só o consegui depois de 6 meses com uma amiga que é artista plástica, a Taísa. No entanto o fato de morar em morros de facções diferentes e não ter ajuda de custo inviabilizou minha permanência ali. Cheguei a passar dias com banana, refresco e pão. Havia 36 quentinhas da associação dos moradores para um curso que tinha lá. Mas dessas 36 só 18 eram para o curso, as outras 18 eram para os soldados do tráfico. Um deles falou para eu pedir também, porque teria direito. Ele foi na associação e falou para me fornecerem uma quentinha. Depois disso fui falar com o tesoureiro da associação e ele me disse: “você não falou que não queria nada de político? Essas quentinhas vêm dos políticos”. Então disse: “Tá bom. Não precisa dar não, obrigado”. Depois dessa comuniquei às crianças que iria sair. Um catador desses, “burro sem rabo”, chegou a me oferecer R\$ 100 do que ganhava por mês para que eu permanecesse. Mas não pude aceitar, é claro.

Libera – E aí, você voltou para o Sana?

Birimbau – Sim. E deixei de lado este projeto musical e me concentrei em levantar dinheiro para dar continuidade a ele depois. Diariamente via no lixo do Sana garrafas pet. Consegui o manual de como fazer poltronas e das poltronas evolui para fazer carrinhos, vassouras. No Sana comecei a ter um contato maior com as idéias libertárias, Li um pouco de Proudhon. Li Kropotkin, comecei a ter uma noção do que é o anarquismo. Em contato com militante anarquista este gostou da postura super-correta e da nobreza de valores que eu apresentava em meus trabalhos, assim como do fato de que nas minhas atividades serem todas voluntárias, sem nunca procurar depender de governo. Mais tarde com esta mesma pessoa estive no CELIP no Rio e conheci outros militantes anarquistas. Comecei trabalhando onde é o CCS-RJ antes ainda de sua fundação. Nesta época não havia dinheiro e eu vivia de

rifa e me arrumaram um lugar para morar. Fiz uma exposição para arrecadar algum dinheiro para me ajudar. Já no CCS comecei a passar meu conhecimento para uma pessoa da ocupação da Vila da Conquista. Participei de várias reuniões no CCS onde diversas pessoas se mostraram interessadas em meu trabalho no sentido da transmissão de ensinamentos que levem a uma vida mais independente. Depois tive que dar um tempo em Sana para levantar dinheiro. Fiquei por lá seis meses e retornei. Atualmente resido na ocupação Poeta Xinaiyba e estou ali tentando transmitir ensinamentos de transformação de material encontrado no lixo.

Libera – E como está sendo sua experiência no CCS?

Berimbau - Tudo o que faço é com dignidade e conhecimento, pois sei o que estou fazendo. Até o pessoal que fica bebendo no botequim da esquina da rua do CCS consegui atrair para as atividades com garrafas pet. São pessoas que merecem todo o nosso respeito pois tentam enganar uma dura e miserável realidade cotidiana com o álcool. Mostrei a um deles um carrinho. Um deles me pediu para fazer um para ele. Fiz, ele levou. Dois deles vieram ao CCS, viram meu trabalho e choraram. Aquele que havia levado o carrinho trazia garrafas, eu fazia e ele levava. Um dia ele me levou no Centro Social do Pau da Bandeira, onde me chamaram para desenvolver projetos com a comunidade. Ali deixei bem claro que faria um trabalho autogestionário, sem vínculos com política partidária, prefeitura, nada. Me cederam um espaço e consegui 30 alunos dois deles na faixa dos 16 aos 17 anos, a maioria crianças de 9 a 12 anos, e mais duas senhoras idosas. Comecei a preparar dois deles para se capacitarem a futuramente orientarem um núcleo de reciclagem no morro. Nesta primeira fase ainda não conseguimos funcionar totalmente autogestionários, o que pode ser feito. Espero alcançar este objetivo dentro da filosofia libertária, a de se tornar o ser humano independente de qualquer pressão, no caso, a econômica e política. Também com o pessoal do bar tento recuperá-los do álcool através da porta do trabalho livre e criativo. Ainda recentemente consegui sensibilizá-los para que fosse plantada árvore frutífera (uma acerola) em canteiro abandonado em frente ao CCS. Tudo isto foi o Centro de Cultura Social que me deu condição. Para fazer um trabalho transformador.

continuação do Editorial

(talvez, por estarem envolvidos com o esquema). Exemplo concreto: quando recém ocorreu a chacina da Baixada Fluminense o secretário de segurança nacional, Marcelo Itagiba, declarou que uma força a Força Nacional de Segurança que havia sido formada especialmente para o Rio de Janeiro, não deveria atuar contra os grupos de extermínio da Baixada e sim se concentrar no combate ao tráfico de drogas e no contrabando de armas. Peraí!!! E a chacina não tinha a ver com isso???

Os que apontaram para outra direção, recusando participarem do esquema de extorsão e tráfico, tornaram-se *estranhos no ninho*. Hélio Luz, que foi chefe da Polícia Civil da cidade e tentou dirigir a DAS (Divisão Anti-Séquistros) em 1995, durou apenas dois meses, abandonando o cargo sob inúmeras ameaças. Luiz Eduardo Soares, sociólogo ligado a movimentos de direitos humanos, nomeado Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio em 1999, durou impressionantes 500 dias, mas ao final deste prazo já era acusado de “complacência no trato com marginais” e com o narcotráfico. Sim, sem dúvida que todos os que assumem o trabalho sujo da segurança pública, menos ou mais repressora, são complacentes com marginais: os pertencentes de sua própria corporação. Mas os dois equivocados indivíduos acima tiveram de viver isso na pele para constatar.

“A ‘boa sociedade’ é useira e vezeira em manipular a ‘polícia corrupta e delinquente’ quando bem lhe interessa. Corrupção e delinquência são vinhetas para o público externo. Para o público interno, escrúpulo é moralismo de subúrbio, prurido de elenco de segunda ou ‘coisas de além-túnel!’. Do lado de cá, a língua é outra. Vende-se

e compra-se tudo, e a polícia deve estar lá para garantir a tranquilidade dos negócios que vão da cocaína à distribuição de informações financeiras privilegiadas. (...) “Assim, bandidos, nababos e seus prepostos ideológicos procuram tomar de assalto a vida cultural, engolindo o espaço dos noticiários e transformando a cena pública num espetáculo de dois atores: os escroques no poder e os que disputam o butim da escroqueria.”

(jornalista Jurandir Freire Costa – *Jornal Folha de São Paulo*, Caderno MAIS!, 16/07/2000)

Enfim, os oprimidos por essa violência, ficam num beco sem saída. Quando não são acuados pelo canil de sua própria comunidade, são os equinos fardados que os espremem para que se calem. E ainda por cima vem a mídia (que prefere somente bater na tecla **Tim Lopes**) a criminalizá-los. Ah! Só se não estiverem ligados ao *Viva Rio* – filial das *Organizações Globo* criada para a pulverização social, ou melhor, para difundir a versão “poodle” da realidade. A mídia sempre afirma sumariamente que eles são cachorrinhos (mandados) dos traficantes do morro.

Apesar disso, algumas mães, pais e amigos das vítimas e militantes sinceros do movimento social conseguem saltar estas duas barreiras e vão protestar nas ruas. Ratificando que somente tem eficácia e longevidade o trabalho social desvinculado de partidos, de grandes políticos populistas (carismáticos ou de linha dura), de instituições de caridade hipócritas [conselho: confirmam o filme *Quanto vale ou é por quilo?*] ou da autoridade de micro-lideranças que, na verdade, objetivam o auto-enriquecimento ou futuramente entrarem para a política.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * **LETRALIVRE**. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * **COL. DOMINGOS PASSOS**. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * **CCS**. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * **ANA**. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * **COL. TERRALIVRE**. CP 1731. CEP 01009-970. São Paulo/SP * **COMLUT**. CP 768; CEP 13001-970. Campinas/SP * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. Salvador/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. Salvador/BA * **NUELCA**. CP 14. CEP 48000-970. Alagoinhas/BA * **FCL**. CP 10.115. CEP 58109-970. Campina Grande/PB * **MAP/BA**. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * **GEAL** CP 3244. CEP 78060-970 Cuiabá/MT * **CNA**. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * **CRAP**. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * **OPÚSCULO LIBERTÁRIO**. CP 15. CEP 11401-970. Guarujá/SP * **AFIME** e **GEAAP**. CP 2744. CEP 59022-970. Natal/RN * **MOTIM**. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * **RLBS**. CP 99. CEP 11010-970. Santos/SP * **GASO**. CP 11. CEP 29390-000. Itúna/ES * **CCMA**. CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * **BARRICADA LIBERTÁRIA**. CP 5005. CEP 13036-970. Campinas/SP * **CAZP** CP 136 CEP 57020-970 Maceió/AL * **CAO** CP 306 CEP 65001-970 São Luís/MA * **FENISKO NIGRA** CP 999 CEP 13001-970 Campinas/SP * **COL. RUPTURA** CP 2501 CEP 60721-970 Fortaleza/CE